



Relato de experiência: Apoiando a diversidade nas práticas educacionais como Monitor Inclusivo

Bruno Viçoso de Moura Freitas¹

Claudia Regina Vieira²

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como base um relato das experiências do autor principal em um projeto da Universidade Federal do ABC (UFABC) que apoia-se em referências bibliográficas sobre práticas pedagógicas em relação às experiências vividas pelo autor em processo de transição entre cursos de formação, tendo início no bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (BCT) para Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas (LCH). Com esse objetivo, o autor propõe compartilhar e refletir sobre estratégias inclusivas desenvolvidas a partir de vivências no contexto social dos alunos monitorados, especialmente no ambiente do ensino superior e em suas diversas áreas de formação.

O relato se formaliza durante a graduação enquanto membro do Programa de Monitoria Inclusiva do Núcleo de Acessibilidade – Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Políticas Afirmativas pela Universidade Federal do ABC (UFABC), que seleciona e habilita estudantes da graduação como monitores inclusivos e alunos cadastrados no Núcleo de Acessibilidade com necessidades educacionais específicas como monitorandos assistidos. Nesse sentido, busca-se partilhar experiências como aluno e simultaneamente como monitor na mesma instituição, avaliando práticas pedagógicas de ensino e da educação especial, no sentido de garantir a proposição de uma educação inclusiva enquanto aborda as divergências de um ensino comum e o ensino especial para a articulação de aprendizagem coletiva, explorando as didáticas que ocorrem no ambiente acadêmico, incluindo análise de práticas que favorecem a permanência de alunos com necessidade específicas. Desta forma, o trabalho tem por finalidade levantar os apontamentos aqui apresentados como reflexão com o propósito de enfatizar as possibilidades de práticas inclusivas acerca de estratégias de acessibilidade promovendo a especialização em Educação Especial a partir de análise dos

¹ Graduando do Curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia em transição para Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do ABC - UFABC, moura.vicoso@aluno.ufabc.edu.br;

² Professora do Centro de Ciências Naturais e Humanas (CCNH) da Universidade Federal do ABC - UFABC, claudia.vieira@ufabc.edu.br

avanços de cada estudante apontados de períodos letivos anteriores, em relação ao último quadrimestre com a estimativa de qualificar o desenvolvimento por parte dos discentes.

Contudo, conclui-se com esse trabalho que, a nova abordagem da equipe, os discentes começaram a demonstrar maior independência na realização de suas atividades. Esse progresso indica que as estratégias pedagógicas inclusivas implementadas, em conjunto com o acompanhamento contínuo, demonstraram eficácia no fortalecimento das competências acadêmicas dos estudantes. Nesse sentido, o Programa de Monitoria Inclusiva revelou-se importante como suporte para o desenvolvimento de uma trajetória acadêmica em longo prazo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Neste relato de experiência, os materiais de referência são fundamentados tanto nas vivências práticas do autor como monitor inclusivo no Programa de Monitoria Inclusiva quanto nas observações e diálogos constantes com a equipe interdisciplinar do Núcleo de Acessibilidade da UFABC e docentes da universidade, composta por psicólogos e pedagogos. O diálogo com a equipe possibilita uma análise detalhada das necessidades educacionais específicas dos alunos, contribuindo com a compreensão sobre práticas pedagógicas inclusivas e educação especial. Os métodos adotados englobam a aplicação de tecnologias assistivas, adaptações didáticas e recursos de acessibilidade, que têm como objetivo não apenas apoiar o desenvolvimento acadêmico dos alunos com necessidades específicas, mas também garantir que os estudantes reflitam sobre suas experiências acadêmicas e pessoais para pensar no cotidiano e formas de aplicabilidade das metodologias para além da universidade e o contexto educacional.

No processo de transcrição textual, foram utilizados diferentes testes de adaptação de conteúdos por meio de imagens, áudios e vídeos, com o objetivo de facilitar o acesso e a compreensão das informações para cada estudante, conforme suas necessidades específicas. Essas adaptações foram fundamentais para tornar o conteúdo acessível, convertendo as informações de modo personalizado e considerando as particularidades dos alunos. As tecnologias assistivas tiveram um papel relevante nesse processo, permitindo a aplicação de ferramentas que transformam texto em voz, realizam audiodescrição para conteúdos visuais e inserir legendas em vídeos. Dessa forma, foi possível viabilizar uma experiência de aprendizado mais inclusiva em sala de aula, garantindo que os alunos pudessem compreender e interagir com os conteúdos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho apoia-se em teorias de desenvolvimento para a compreensão e desenvolvimento de práticas inclusivas no contexto desse trabalho, as ideias de Lev Vygotsky sobre mediação e interação social, os estudos de Maria Teresa Eglér Mantoan sobre educação inclusiva no contexto brasileiro, a abordagem de Lev Manovich sobre novas mídias e interatividade e as discussões da equipe de psicólogos e pedagogos da Universidade. A partir dessas referências, torna-se possível embasar práticas pedagógicas inclusivas, refletindo sobre a acessibilidade e as adaptações necessárias para promover a permanência e o desenvolvimento de alunos com necessidades específicas na educação superior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início do terceiro quadrimestre de 2023, o Núcleo de Acessibilidade introduziu uma nova equipe de 20 monitores, que consiste em discentes da graduação que foram selecionados por meio de um edital para participarem de oficinas e rodas de capacitação para que estivessem qualificados para lidar com estudantes com necessidades especiais e específicas.

Ao longo do quadrimestre os monitores foram atribuídos para monitorar estudantes PcDs e neurodivergentes para apoiar os mesmos realizando acompanhamentos em sala de aula ou a distância, elaborando cronogramas e organizando datas para entrega de atividades dos estudantes monitorados. Os acompanhamentos presenciais acontecem de uma a três vezes na semana, com um ou três monitorandos (alunos monitorados), onde cada estudante é atendido por monitores diferentes em cada dia para desenvolverem atividades para apoio dos monitorados, atuando como transcritor e leitor de atividades, aplicações de provas.

Com o intuito de qualificar os avanços e contrariedades do público atendido, haviam formações semanais mediadas por uma psicóloga e uma pedagoga com a equipe de monitores com o objetivo de registrar, compartilhar e discutir as dificuldades enfrentadas e, realizar planos de ação para solucionar as complexidades que foram debatidas. Essas formações semanais foram fundamentais para promover um ambiente de aprendizado colaborativo e reflexivo entre os monitores. Durante as sessões, a equipe teve a oportunidade de registrar e



compartilhar experiências sobre os desafios enfrentados nos atendimentos, discutindo as práticas mais efetivas para lidar com as particularidades de cada estudante. A presença de uma psicóloga e uma pedagoga na mediação dessas formações garantiu que as discussões fossem embasadas em teorias e práticas pedagógicas, além de promoverem uma abordagem integral e teórica ao tratar das necessidades emocionais e educativas dos monitorandos.

Os encontros também serviram para elaborar estratégias de ação em resposta às dificuldades identificadas. Por exemplo, os monitores foram incentivados a refletir sobre o efeito das adaptações realizadas nas atividades acadêmicas e a considerar novas abordagens para garantir a acessibilidade do conteúdo. A troca de informações sobre metodologias que funcionaram ou não foi importante para o aprimoramento do suporte oferecido aos alunos, permitindo que a equipe ajustasse suas práticas de acordo com os feedbacks recebidos.

Os acompanhamentos presenciais variaram em frequência e abordagem, dependendo das necessidades de cada aluno monitorado. Ao atuar como transcritores e leitores, os monitores não apenas facilitaram o acesso ao conteúdo curricular, mas também se tornaram importantes na construção da autoconfiança dos estudantes. A interação mais próxima com os monitores permitiu que os alunos se sentissem mais seguros em sua jornada acadêmica, resultando em uma participação mais ativa nas atividades propostas e, conseqüentemente, em um desempenho acadêmico mais satisfatório.

Ao final do quadrimestre, foi possível observar avanços significativos não apenas na adaptação curricular, mas também na socialização dos alunos monitorados. A implementação desse programa de monitoria inclusiva revelou a importância de se ter um suporte contínuo e de qualidade para alunos com necessidades especiais e específicas, evidenciando que um ambiente acadêmico inclusivo é construído através de esforços colaborativos e da formação contínua dos agentes que atuam nesse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos avanços dos estudantes monitorados ao longo do último quadrimestre, em comparação com períodos letivos anteriores, revelou um padrão significativo de desenvolvimento de autonomia entre alguns alunos. Esses estudantes, que anteriormente enfrentavam diversas dificuldades para realizar atividades acadêmicas sem o suporte dos monitores, começaram a demonstrar maior independência na execução de suas tarefas. Este progresso é um indicativo claro de que as estratégias pedagógicas inclusivas implementadas,

aliadas ao acompanhamento contínuo, foram eficazes em fortalecer as competências acadêmicas dos alunos.

A nova abordagem adotada pela equipe de monitores teve um papel crucial nesse processo, contribuindo para que os discentes não apenas se sentissem mais seguros, mas também mais capacitados a enfrentar os desafios acadêmicos de forma autônoma. A experiência acumulada ao longo do quadrimestre demonstra que, quando as necessidades específicas dos alunos são atendidas de maneira proativa e adaptativa, é possível promover avanços significativos na aprendizagem e no desenvolvimento pessoal.

Alunos que demonstraram dificuldades de comunicação, organização de atividades e desempenho insatisfatório tiveram alterações positivas no comportamento e performance acadêmica. Alguns estudantes monitorados pelo programa desenvolveram iniciaram o próximo quadrimestre sem o acompanhamento dos monitores, pois se sentiram seguros o suficiente para replicar os métodos utilizados pela equipe de forma autônoma e permaneceram no programa sendo assistidos a distância e periodicamente.

Portanto, conclui-se que o progresso observado não apenas reflete um aumento na autonomia dos estudantes, mas também destaca a importância de um suporte educativo que leve em consideração as individualidades de cada aluno. Ao adaptar as metodologias e oferecer estratégias diversificadas, a equipe de monitores contribuiu significativamente para o fortalecimento das competências acadêmicas e sociais dos discentes.

Palavras-chave: Palavras-chave: Práticas Pedagógicas, Inclusão, Ensino Superior, Licenciatura, Educação.

REFERÊNCIAS

[1] VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

[2] MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? Como fazer? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

[3] MANOVICH, L. O software toma o comando. Tradução de Rodrigo Minelli. São Paulo: Abu Editora, 2018.



[4] ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo; ALVES, Luciana P. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: UNIVILLE, 2003.

[5] SANTOS, Denise Paula de Almeida; LIMA, Rita Maria da Silva. Práticas pedagógicas inclusivas no ensino superior: reflexões sobre a acessibilidade e a formação docente. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 26, p. 45-62, 2020.

[6] ROSA, Anderson Dias da. Monitoria e tutoria no ensino superior: estratégias para o desenvolvimento da autonomia estudantil. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 16, n. 43, p. 235-249, 2019.